

## A mística da cozinha: de Heráclito a Adélia Prado

Prof. Dr. Jean Lauand  
Fac. de Educação USP

**Resumo:** Em diálogo com a grande tradição ocidental de pensamento, a poesia e a mística de Adélia Prado retomam Heráclito e Tomás de Aquino (particularmente seu conceito de participação) em direção à uma mística do cotidiano.

**Palavras-Chave:** Adélia Prado. Tomás de Aquino. Heráclito. Mística do cotidiano.

**Abstract:** In dialogue with great thinkers of the Western tradition, poetry and mystic of Adelia Prado revisite Heraclitus and Thomas Aquinas (especially his concept of participation) towards a mystic of everyday life

**Key-words:** Adélia Prado. Aquinas. Heraclitus. Mystic of everyday life.

### A duração do dia

Após dez anos de silêncio poético, Adélia Prado lançou, no fim de 2010, *A duração do dia*<sup>1</sup> (abreviaremos por AD), mais um livro de poesia, com essa mística tão sua de adoração do dia. Mais do que um trocadilho fácil, trata-se mesmo da mística do cotidiano, a ligação (artística e pessoal) com Deus por meio da realidade simples de todo dia e do dia-a dia.

Ao final do poema “Aqui tão longe”, após um flagrante do bairro pobre...:

O sol da tarde finando-se,  
ao cheiro de lenha queimada  
todos se vão à fogueira  
dançar em volta das chamas  
para um deus ainda sem nome,  
um medo lhes protegendo,  
um ritmo lhes ordenando,  
jarro, caneca bacia,  
cama, coberta, desejo  
que amanhã seja outro dia...

...Adélia conclui:

igual a este dia, igual,  
igual a este dia, igual. (AD, pp. 21-22)

Não estamos longe daqueles outros versos de *Poesia Reunida*<sup>2</sup> (abrev.: PR):

Minha mãe cozinhava exatamente  
arroz, feijão-roxinho, molho de batatinha  
Mas cantava (PR, p. 151).

Ou dos de “Mural”, de *Oráculos de Maio*, “a rotina perfeita é Deus”:

<sup>1</sup> *A duração do dia* São Paulo, Record, 2010

<sup>2</sup> Prado, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991.

### **Mural**

Recolhe do ninho os ovos  
a mulher  
nem jovem nem velha,  
em estado de perfeito uso.  
Não vem do sol indeciso  
a claridade expandindo-se,  
é dela que nasce a luz  
de natureza velada,  
é seu próprio gosto  
em ter uma família,  
amar a aprazível rotina.  
Ela não sabe que sabe,  
a rotina perfeita é Deus:  
as galinhas porão seus ovos,  
ela porá a sua saia,  
a árvore a seu tempo  
dará suas flores rosadas.  
A mulher não sabe que reza:  
que nada mude, Senhor.  
(*Oráculos de Maio*, São Paulo, Siciliano, 1999, p.39.)

A particular sensibilidade para a presença de Deus no cotidiano aproxima Adélia de uma corrente da tradição ocidental, que inclui Heráclito e Tomás de Aquino (o que deixa a anos-luz de distância o estereótipo tolo de rotular Adélia como “dona de casa que faz poesia” ou “poeta do cotidiano”, em sentido chato).

Aliás, Adélia em suas entrevistas tem se referido explicitamente a Tomás; e recentemente tem destacado a famosa experiência mística do Aquinate, que o levou ao silêncio, desde o dia de São Nicolau de 1273, data a partir da qual ele simplesmente se recusou a continuar escrevendo... Silêncio que, para Tomás (e Adélia) é o cume da perspectiva negativa (*philosophia negativa*, *theologia negativa*) da tradição mística de Pseudo Dionísio Areopagita.

Em entrevista a Edney Silvestre (“Espaço Aberto – Literatura”, exibida na Globo News, dezembro de 2010), em Ouro Preto, em torno a uma mesa de café e pão de queijo, Adélia traduz em mineirês o pensamento de Tomás:

Eu acho que o *falatório* da gente – o falatório da filosofia, o falatório das artes, as própria línguas – são uma forma de atingir esse silêncio... divino, onde não há mais necessidade de palavras... é um descanso, né? [... A palavra, a as artes, os ritos, a liturgia, essa nossa vida simbólica...] é para atingir, a meu ver, o momento supremo da adoração, a criatura e o Criador... eu não preciso falar mais nada, Ele já entendeu e eu já entendi, né? Até chegar lá, nós precisamos disso; eu não falo “muleta” porque muleta é uma palavra ruim e isso tudo é bonito demais [...] A beleza é a pegada dEle na brutalidade das coisas e isso que para mim é poesia. A poesia e toda arte verdadeira revelam para nós: o real. [...] Esse pão de queijo aqui, ó, que eu vou comer e sentir o sabor

disto; isso, para mim, é que a coisa mais impressionante da arte: eu preciso da mentira da ficção para poder mostrar o que é de verdade. A Bíblia é uma ficção – com suas parábolas, mitos... – para mostrar algo que essa ficção está sustentando. Porque se a revelação fosse feita nessa linguagem vagabunda, que nós estamos tendo aqui, agora, ela não tinha se sustentado... (<http://globonews.globo.com/Jornalismo/GN/0,,MUL1633701-17665-385,00.html>)

É notória a semelhança com a *theologia negativa* de Tomás de Aquino<sup>3</sup>. Por exemplo: quando Tomás discute a conveniência de que Deus se revele por metáforas na Sagrada Escritura (I, 1, 9), ele chega a dizer que, no caso do discurso sobre Deus, é mesmo uma necessidade: “Como diz Dionísio: é impossível o raio divino iluminar-nos a não ser circunvelado por diversos véus sagrados”. E ante a objeção de que as metáforas sobre Deus valem-se de comparações com corpos vis, para Tomás isto é até bom porque mostra que não estamos falando com propriedade de Deus e:

É mais adequado ao conhecimento que temos de Deus nesta vida; pois dEle, é-nos mais manifesto o que Ele não é, do que o que é. E, assim, quanto mais afastado de Deus é o termo de comparação, mais nos damos conta de que Deus transcende o que dEle dizemos ou pensamos (ad 3).

#### **Adélia e Heráclito; Deus no forno - a escritora na cozinha**

Para nos aproximarmos da relação entre Deus e o cotidiano e, mais ainda, entre Deus e o trivial, devemos remontar a um emblemático episódio, protagonizado por um grande pensador nos alvares da filosofia, Heráclito de Éfeso. O episódio é narrado por Aristóteles<sup>4</sup>:

Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram, de pé (impressionados sobretudo porque) ele os encorajou (eles ainda hesitantes) a entrar, pronunciando as seguintes palavras: "Mesmo aqui os deuses também estão presentes"<sup>5</sup>

Em vez do "sábio" por eles imaginado, imerso nas profundezas do pensamento, investigando os segredos da divindade, esses visitantes decepcionados encontram Heráclito prosaicamente aquecendo-se junto ao fogão. E o filósofo tem que instruir esses curiosos desavisados:

Mesmo aqui, junto ao forno, mesmo neste lugar cotidiano e comum onde cada coisa e situação, cada ato e pensamento se oferecem de maneira confiante, familiar e ordinária; "mesmo aqui", nesta dimensão do ordinário, os deuses também estão presentes. A essência dos deuses, tal como apareceu para os gregos, é precisamente esse aparecimento, entendido como

<sup>3</sup> Cf. p. ex. Pieper, Josef *Luz Inabarcável - o Elemento Negativo na Filosofia de Tomás de Aquino* <http://www.hottopos.com/convenit/jp1.htm>

<sup>4</sup> *De part. anim.*, A5 645 a 17 e ss.

<sup>5</sup> *apud* Heidegger, M. *Heráclito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, p. 22.

um olhar a tal ponto compenetrado no ordinário que, atravessando-o e perpassando-o, é o próprio extraordinário o que se expõe na dimensão do ordinário<sup>6</sup>.

Se a filosofia, tal como a arte, tem a missão de recordar os "essenciais esquecidos", esse episódio, mesmo em sua interpretação superficial, já teria o imenso mérito de lembrar a presença de Deus no cotidiano. O alcance do posicionamento de Heráclito é, porém, ainda mais profundo e a análise de Heidegger chega a uma conclusão muito mais forte, e como ele mesmo diz: "curiosa". É o que, em português, podemos expressar, lendo o "*mesmo aqui*" de Heráclito, como "*aqui mesmo*"!

E é que, no fundo, Heráclito não diz "Mesmo aqui estão os deuses", mas sim: "É *aqui mesmo* que estão os deuses". Aqui mesmo: junto ao forno, que aquece e que dá o pão, no trivial do cotidiano:

Quando o pensador diz "Mesmo aqui", junto ao forno, vigora o extraordinário, quer dizer na verdade: *só aqui* há vigência dos deuses. Onde realmente? No inaparente do cotidiano.

E Heidegger prossegue:

Não é preciso evitar o conhecido e o ordinário e perseguir o extravagante, o excitante e o estimulante na esperança ilusória de, assim, encontrar o extraordinário. Vocês devem simplesmente permanecer em seu cotidiano e ordinário, como eu aqui, que me abrigo e aqueço junto ao forno. Não será isso que faço, e esse lugar em que me aconchego, já suficientemente rico em sinais? O forno presenteia o pão. Como pode o homem viver sem a dádiva do pão? Essa dádiva do forno é o sinal indicador do que são os *theoí*, os deuses. São os *daíontes*, os que se oferecem como extraordinário na intimidade do ordinário<sup>7</sup>.

E a arte faz-nos ver (ou entrever...) e lembrar essa realidade transcendente no inaparente do cotidiano e, sem ela, recaímos na cotidiana desolação, como expressou Adélia:

De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra e vejo pedra mesmo<sup>8</sup>

Nesse verso genial, encontram-se, de modo maximamente resumido, os elementos essenciais (e sua inter-conexão) de que estamos falando: Deus-inspiração-cotidiano-arte.

É pela mão do artista que, também nós, os não artistas, podemos ver esse *plus*, para além da mera pedra.

Tal como o sábio Heráclito, encontramos a poeta Adélia na cozinha:

<sup>6</sup> Heidegger, M. *Heráclito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, pp. 23-24.

<sup>7</sup> Heidegger, M. *Heráclito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, p. 24.

<sup>8</sup> Prado, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991, p.199

### **A Escrivã na Cozinha**

Só Deus pode dar nome à obra completa  
– a de nossa vida, explico – mas sugiro  
*Ao meio-dia um rosal,*  
Implica sol, calor, desejo de esponsais,  
a mãe aflita com a festa,  
pai orgulhoso de entregar sua filha  
a moço tão escovado.  
Nome é tão importante  
Quanto o jeito correto de se apresentar a entrevistas.  
Melhor de barba feita e olho vivo,  
Ainda que por dentro  
tenha a alma barbada e olhos do sono.  
Sonhei com um forno desperdiçado calor.  
eu querendo aproveitá-lo pra torrar amendoim  
e um pau roliço em brasa.  
Explodiria se me obrigassem a caminhar por ele.  
Ninguém me tortura, pois desmaio antes.  
A beleza transfixa,  
as palavras cansam porque não alcançam,  
e preciso de muitas pra dizer uma só.  
Tão grande meu orgulho, parece mais  
o de um ser divino em formação.  
Neurônios não explicam nada.  
Psicólogos só acertam se me ordenam:  
Avia-te para sofrer – conselho pra distraídos –,  
cristãos já sabem ao nascer  
que este vale é de lágrimas. (AD, pp. 25-26)

É grato notar que a poesia de Adélia tem plena consciência do cotidiano como objeto de transcendência. Em outra entrevista, a poeta declarava:

Onde é que estão os grandes temas? Para mim, aí é que está o grande equívoco. O grande tema é o real, o real; o real é o grande tema. E onde é que nós temos o real? É na cena cotidiana. Todo mundo só tem o cotidiano e não tem outra coisa. Eu tenho esta vidinha de todo dia com suas necessidades mais primárias e irreprimíveis. É nisso que a metafísica pisca para mim. E a coisa da transcendência, quer dizer: a transcendência mora, pousa nas coisas... está pousada ou está encarnada nas coisas<sup>9</sup>.

Que fazem as artes, senão guiar nosso olhar para esse "plus": a pedra não é uma prosaica pedra, ou melhor, sendo pedra - e precisamente por ser - é muito mais que pedra... É, como diz Adélia em outro verso, a "magnífica insuficiência" a convocar a arte.

---

<sup>9</sup> Prado, Adélia "Poesia e Filosofia", in Lauand, Jean *Interfaces*, São Paulo, Hottopos, 1997, pp. 23-24.

## Criação, Encarnação e a mística do cotidiano – Adélia Prado

A relação entre as visões de mundo de Adélia e Tomás, remete à doutrina da participação deste.

A doutrina da participação é a resposta de Tomás ao enorme desafio lançado pela revelação cristã: que não admite um Deus confundido panteisticamente com o mundo, nem um Deus absolutamente alheio a ele. As coisas se complicam quando, além do mais, afirma-se que “o Logos se fez carne e habitou entre nós”. Se já pela Criação, temos uma interface pela qual as coisas do mundo manifestam a presença de Deus, pela Encarnação, Cristo encabeça toda a realidade criada e a incorpora a seu plano redentor. Como se lê em Col 1,15 e ss.:

Ele, o Primogênito de toda criatura, porque nEle foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra; as visíveis e as invisíveis... tudo foi criado por Ele e para Ele. Ele é antes de tudo e tudo nele subsiste. Ele é a cabeça da Igreja, que é o seu Corpo. Ele é o Princípio, o Primogênito, que tem em tudo a primazia, pois nEle aprouve a Deus reconciliar por Ele e para Ele todos os seres, os da terra e os dos Céus...

Certamente, o fato de a arte remeter a Deus é mais facilmente aceitável quando estamos diante da beleza pura. As musas são um dom da divindade: não é por acaso que, naturalmente, instintivamente, o homem tende a evocar Deus quando a beleza inesperada ou intensa arranca-o do marasmo cotidiano! "Meu Deus! Quanta beleza..." exclama o poeta<sup>10</sup> e com ele - consciente ou inconscientemente - todos os artistas e todos os que contemplam o belo.

É interessante notar neste sentido que o significado etimológico da palavra espanhola "Olé!", seja um recurso a Deus. *Olé!* - diz o *Diccionario de la Real Academia* - provém do árabe *Wa-(a)llah* ("Por Deus!")<sup>11</sup>. *Olé!* é uma exclamação de entusiasmo ante uma beleza surpreendente ou "excessiva" (no verbete *¡Olé!*, o *Diccionario* de María Moliner exemplifica com o caso das touradas ou do flamenco). Facilmente intuímos que a beleza de um ousado lance de tourada, de um golaço sem ângulo ou de um "*taconeo flamenco*" é - de algum modo misterioso, mas real - participação na criação - também ela artística - de Deus: *¡Olééé!* (ou o equivalente em outras línguas: *Oh, my God! What a beautiful woman!*)<sup>12</sup>. Mas, Deus é o autor de toda a Criação e a epístola aos Colossenses fala da reconciliação de *toda* a realidade. É o mistério que é expresso na mística de Adélia Prado, que encontra a Deus não só nas maravilhas das belezas manifestas da natureza, mas até nas situações mais prosaicas: das tripas de peixe ao sebo das peças de frigorífico:

"Tia Zina a esta hora começa a ficar insuportável, vai me aporrinhar para valer. Mudei em alguma coisa, sim. Tempos atrás pedia, tira meu medo, Deus. Hoje, digo, estou com medo, meu Pai, me abraça (...) Sabina deixou um recorte de jornal debaixo da minha porta: APARIÇÃO DE NOSSA

<sup>10</sup> Castro Alves, "*Sub Tegmine Fagi*".

<sup>11</sup> *Wa(a)llah* - "Por Deus!" - o árabe não dispõe da vogal "e" e, por vezes, o "a" tem som semelhante a "e".

<sup>12</sup> Se o falante ocidental hoje (não só o torcedor nos estádios do Brasil, mas também o taurófilo madrileno em *Las Ventas*) não se lembra de que *Olé!* é invocação de Deus, no Quixote isto é mais explícito: quando o cristão começa a gabar a insuperável beleza de sua dama, ouve do moro: "*Gualá, cristiano, que debe de ser muy hermosa si se parece a mi hija, que es la más hermosa de todo este reino. Si no, mírala bien, y verás cómo te digo verdad*" (Capítulo XLI).

SENHORA EM MINAS GERAIS! É gozação dela comigo, porque a vidente tem o mesmo nome meu e ela pensa que eu vou sair correndo para ver a aparição. Boba. Nossa Senhora está na minha casa é me esperando, pra me ajudar a dar banho em tia Zina, sem fazer careta. Sabina emprega muito mal a palavra '**mística**'. Tivesse ela que dar banho em tia Zina, descobriria com quanta água e sabão se faz um santo. Falo sem soberba, não quero menos". (Adélia Prado, *Filandras*, Rio de Janeiro, Record, 2001, pp. 79-80)

### **A Poesia, a Salvação e a Vida**

Seo Raul tem uma calça azul-pavão  
e atravessa a rua de manhã  
pra dar risada com o vizinho.  
Negro bom.  
O azul da calça de seo Raul  
parece pintado por pintor;  
mais é uma cor que uma calça.  
Eu fico pensando:  
o que é que a calça de seo Raul  
tem que ver com o momento  
em que Pilatos decide a inscrição  
JESUS NAZARENUS REX JUDEORUM.  
Eu não sei o que é,  
mas sei que existe um grão de salvação  
escondido nas coisas deste mundo.  
Senão, como explicar:  
o rosto de Jesus tem manchas roxas,  
reluz o broche de bronze  
que prende as capas nos ombros dos soldados romanos.  
O raio fende o céu: amarelo-azul profundo.  
Os rostos ficam pálidos, a cor da terra,  
a cor do sangue pisado.  
De que cor eram os olhos do centurião convertido?  
A calça azul de seo Raul  
pra mim  
faz parte da Bíblia.  
(*Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991, p.216)

### **Dois Horas da Tarde no Brasil**

(...) Frigoríficos são horríveis  
mas devo poetizá-los  
para que nada escape à redenção  
Frigorífico do Jibóia  
Carne fresca  
Preço jóia  
(...) (*PR*, p.326)

### **A Necessidade do Corpo**

Nenhum pecado desertou de mim  
Ainda assim eu devo estar nimbada  
Porque um amor me expande.  
Como quando na infância  
Eu contava até cinco para enxotar fantasmas,  
beijo por cinco vezes minha mão.  
Este é meu corpo,  
corpo que me foi dado  
para Deus saciar sua natureza onívora.  
Tomai e comei sem medo,  
Na fímbria do amor mais tosco  
Meu pobre corpo  
É feito corpo de Deus. (AD, p. 28)

### **Casamento**

Há mulheres que dizem:  
Meu marido, se quiser pescar, pesque,  
mas que limpe os peixes.  
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,  
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.  
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,  
de vez em quando os cotovelos se esbarram,  
ele fala coisas como 'este foi difícil'  
'prateou no ar dando rabanadas'  
e faz o gesto com a mão.  
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez  
atravessa a cozinha como um rio profundo.  
Por fim, os peixes na travessa,  
vamos dormir.  
Coisas prateadas espocam:  
somos noivo e noiva. (PR, p. 252)

De fato, quem afirme com o cristianismo que o mundo é Criação, que Deus é criador também da matéria, deve afirmar o caráter maravilhoso de cada coisa criada, que nos convida à contemplação de Deus.

Mas, por outro lado, essa mesma criatura que nos enleva, pode também produzir um efeito depressivo, nos remeter ao nada; o nada, a partir do qual ela foi criada. É isto o que Pieper, comentando o pensamento de Tomás, chama de “transtorno bipolar” ou “psicose maníaco-depressiva”<sup>13</sup>, “psicose” que é a normalidade do homem comum, que se põe em contato com o ser, que se põe a filosofar (/poetar) e sofre um efeito muito perturbador: por um lado, uma euforia extrema, porque encontra a beleza e a verdade de Deus no mundo, e por outro, de uma profunda depressão – é neste sentido que Santo Tomás entende o “bem aventurados os que choram”. Para Santo Tomás, o dom da Ciência, do Espírito Santo, é exatamente perceber o nada deste mundo que, ao mesmo tempo, encanta porque participa do ser

---

<sup>13</sup> Para este e demais temas do parágrafo, cf. Lauand, J. “Transtorno Bipolar: a Normal ‘Patologia’ de Tomás de Aquino” <http://www.hottopos.com.br/mirand9/bipolar.htm>



de Deus. Isto é bastante atual: esta consciência existencial do nosso nada, ao mesmo tempo portadora de uma luz de esperança, já que a criatura procede de Deus, e afinal de contas, em cada ente, em cada pessoa encontramos luz e glória, faz-nos ver que o mundo afinal não está perdido, porque procede de Deus e por Ele foi redimido.

Essa situação de “normalidade psicótica” do homem foi também notavelmente expressa por Adélia Prado em um poema desgarrado, "Acácias"<sup>14</sup>, que fala do transtorno - , angústia - ante a beleza de uma criatura, uma simples acácia que seja.

### ACÁCIAS

Minha alma quer ver a Deus.  
Eu não quero morrer.  
Quero amar sem limites  
E perdoar a ponto de esquecer-me  
Radical, quer dizer pela raiz  
O perdão radical gera alegria  
Exorciza doenças, mata o medo  
Dá poder sobre feras e demônios  
Falo. E falo é também membro viril,  
Todo léxico é pobre,  
Idiomas são pecados;  
Poemas, culpas antecipadamente perdoadas  
Eis, esta acácia florida gera angústia  
Para livrar-me, empenho-me  
Em esgotar-lhe a beleza  
Beleza importuna,  
Magnífica insuficiência,  
Porque ainda convoca  
O poema perfeito.

### A clave: a doutrina da *participatio* em Tomás<sup>15</sup>

Examinemos mais de perto a doutrina da participação, fundamento da visão de mundo de Adélia.

A doutrina da criação como participação traz consigo uma tensão dialética própria, entre o aspecto positivo e o negativo da dualidade da participação: a criatura participa, sim, do ser; mas a partir do nada: "Deus, que distribui todas suas perfeições entre as coisas é-lhes semelhante e, ao mesmo tempo, dessemelhante". A mesma pedra que traz para nós, pelo olhar do artista, um *plus* - participa do ser e da bondade e da beleza de Deus - nos remete também a um *nihil*, ao nada, a partir do qual ela foi feita. Naturalmente, o aspecto mais evidente, em geral, nas artes, é o positivo, o da participação na beleza.

O mesmo Heráclito afirma que é um mesmo e único caminho que sobe e desce. A obra de arte nos leva pelo caminho que sobe porque, antes, o artista rastreou a beleza no caminho que desce: da beleza divina ao trivial do cotidiano.

---

<sup>14</sup>. A autora ofertou-me o único manuscrito - durante a entrevista que me concedeu em 5-11-93 e que foi publicada em Lauand, J. *Interfaces*, São Paulo, Hottopos, 1997 - com a sugestiva dedicatória "com a esperança do Reino, que já está aqui".

<sup>15</sup> Para uma análise mais completa da *participatio* em Tomás e a arte, cf. "Mestre Pennacchi: Arte Integração, Estética da Participação" <http://www.hottopos.com/notand15/lauand0.pdf>

Não pretendemos aqui mais do que indicar brevemente alguns aspectos do significado e do alcance da participação em Tomás; um dos temas mais amplos e complexos do Aquinate.

Como sempre, voltemo-nos para a linguagem. Começemos reparando no fato de que na linguagem comum, "participar" significa - e deriva de - "tomar parte" (*partem capere*). Ora, há diversos sentidos e modos desse "tomar parte"<sup>16</sup>. Um primeiro é o de "participar" de modo quantitativo, caso em que o todo "participado" é materialmente subdividido e deixa de existir: se quatro pessoas participam de uma pizza, ela se desfaz no momento em que cada um toma a sua parte. Num segundo sentido, "participar" indica "ter em comum" algo imaterial, uma realidade que não se desfaz nem se altera quando participada; é assim que se "participa" a mudança de endereço "a amigos e clientes", ou ainda que se "dá *parte* à polícia". O terceiro sentido, mais profundo e decisivo, é o que é expresso pela palavra grega *metékhein*, que indica um "ter com", um "co-ter", ou simplesmente um "ter" em oposição a "ser"; um "ter" pela dependência (participação) com outro que "é". Tomás, ao tratar da Criação, utiliza este conceito: a criatura *tem* o ser, por participar do ser de Deus, que *é* ser. E a graça nada mais é do que *ter* - por participação na filiação divina que *é* em Cristo - a vida divina que *é* na Santíssima Trindade.

Para esse terceiro sentido, estão as metáforas de que Tomás se vale para exemplificar: ele compara o ato de ser - conferido em participação às criaturas - à luz e ao fogo: um ferro em brasa *tem* calor porque participa do fogo, que "é calor"<sup>17</sup>; um objeto iluminado "tem luz" por participar da luz que *é* na fonte luminosa. Tendo em conta essa doutrina, já entendemos melhor a sentença de Guimarães Rosa: "O sol não é os raios dele, é o fogo da bola"<sup>18</sup>.

Na visão de Tomás, a criação é o ato em que nos é dado o ser em participação. E por isso que tudo o que *é*, é bom: participa do Ser (e, junto com o ser, participa do Bem). E assim viemos dar com uma importante afirmação ontológica de Tomás, que está também na base de qualquer consideração sobre o belo e a estética:

Assim como o bem criado é certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de qualquer bem criado é também certa semelhança e participação da felicidade definitiva<sup>19</sup>.

A participação no Ser é a base metafísica sobre a qual ocorre a contemplação. Pois, prossegue Tomás, dentre as diversas formas de "consecução de um bem", a mais profunda é a contemplação (*nobilissimus modus habendi aliquid*)<sup>20</sup>, o ver com olhar de amor. E para o Aquinate:

(Pela contemplação de Deus na Criação) Produz-se em nós uma certa incoação da felicidade que começa nesta vida e se consumará no Céu<sup>21</sup>

É o que expressa também um notável depoimento de Tom Jobim, que, a seu modo, explicita a concepção de participação no sentido tomasiano, como já pude registrar em um estudo de 1991:

<sup>16</sup>. Cfr. Ocáriz, F. *Hijos de Dios en Cristo*, Pamplona, Eunsa, 1972, pp. 42 e ss.

<sup>17</sup>. Evidentemente, não no sentido da Física atual, mas o exemplo é compreensível.

<sup>18</sup>. *Noites do Sertão*, Rio de Janeiro, José Olympio, 6a. ed., 1979, p. 71.

<sup>19</sup> *De Malo* 5, 1, ad 5

<sup>20</sup> *Comentário ao Liber de causis*, 18

<sup>21</sup> II-II, 180, 4

É o depoimento, imensamente profundo, dado por Tom Jobim sobre a criação artística em recente entrevista quando foi contemplado nos EUA com a mais alta distinção com que pode ser premiado um compositor, o *Hall of Fame*: “Glória? A glória é de Deus e não da pessoa. Você pode até *participar* dela quando faz um samba de manhã”. E complementa: “Glória são os peixes do mar, é mulher andando na praia, é fazer um samba de manhã”<sup>22</sup>.

Dáí o protesto – sutil mas profundo – de Adélia contra um catolicismo que insiste em antepor a mortificação à contemplação terrena e “julga pecar quando concede à beleza o trono que lhe é devido”:

### **Cartão de Natal para Marie Noël**

Nem as vidas de santos me encorajam  
a abstinência e jejuns.  
Ele, Jesus, perdoa-me,  
pois veio aos pecadores,  
aos que se escondem em árvores,  
ou debaixo de camas feito eu.  
Até rainhas, se pretendem respeito,  
precisam conhecer o seu fogão.  
Conheço mais, conheço fome e culpa.  
Meu estômago mói sem trégua,  
só não tritura medo,  
farinha que já vem pronta.  
Mesmo imitando lâmpadas de azeite,  
a lâmpada no sacrário é piedosa.  
O padre não tem culpa, estudou em Roma  
mas vem de família pobre,  
julga pecar quando concede à beleza  
o trono que lhe é devido.  
Provo em desordem as emoções mais turvas.  
Estou confusa e ansiosa,  
mas de verdade desejo,  
com uma ceia copiosa,  
Feliz Natal para todos. (AD, p. 91)

### **Anexo – a experiência de Adélia Prado**

Nada melhor para concluir do que a experiência viva da artista: uma seleção de falas de uma conferência de Adélia: “O poder humanizador da poesia”<sup>23</sup>. Adélia começa por explicar que poesia aqui representa todas as formas de arte.

---

<sup>22</sup>. "A Filosofia da arte de S. Tomás e Tom Jobim", *Atualidade*, semanário da PUC-PR, N. 246, 28-7 a 3-8-91, p.8.

<sup>23</sup>. No programa “Sempre um Papo”, TV Câmara, 06-08-08, que se encontra também disponível em: <http://www.sempreumpapo.com.br/audiovideo/index.php>.

(A verdadeira arte é de) natureza epifânica, reveladora (...) A obra de arte verdadeira ela é sempre nova, não cansa, porque traz em si mesma – e apesar de si mesma – algo que não lhe pertence e não pertence a seu autor: vem de outro lugar, de uma instância mais alta e através da única via possível, que é a via da beleza (...) A forma, a beleza, revela o ser das coisas; é muito estranho falar do “ser das coisas”. Esse ser é inapreensível, eu não dou conta de pegar o ser de uma rosa, de um rio, de uma paisagem ou de um rosto. Mas quando a arte apreende essa coisa mais alta, que está atrás do ser das coisas, ela nos revela, nos remete à Beleza Suprema, se nós estivermos despidos do orgulho da razão e da lógica (...) Arte é para o sentimento, é para a sensibilidade, é para a inteligência do coração.

Santo Tomás de Aquino, que falou sobre tudo na sua *Suma Teológica*, ele diz: “Todo ser é belo: se alguma coisa é, ela é bela”. E a arte revela o ser e toda obra verdadeira é necessariamente bela, não tem jeito. Ela tem o jeito belo de mostrar até a feiúra: é por isso que uma obra verdadeira, retratando alguma coisa horrível ou asquerosa, pode nos mover até a ter aquela obra em casa (...) A beleza na arte, sendo beleza da forma, não é assunto; a gente faz muito este equívoco: afirmar que arte é o assunto – o enredo do romance, aquilo que a poesia está falando. E não: não é isso que é a beleza; não é o *que* está sendo dito, mas *como* está sendo dito; não a coisa, mas a forma, como ela se mostra, através da mão do criador. (...)

Por que a arte nos humaniza? Porque mostra não a aparência (que já está na natureza), mas nos induz - pela emoção que nos causa - à intimidade, à alma das coisas e à nossa própria intimidade (...) ela faz com que eu me reconheça: como quando você diante de um livro diz: “Meu Deus, como esse autor pôde tocar nisso? Só eu sentia isso...” e aí mora a universalidade da obra de arte: espelhar a humanidade, o que nos é comum. E nada mais comum em nós do que nossos desejos e afetos: queremos ser felizes, temos medos, temos compaixão, ódio, ira... é esse material que faz a obra de arte: ela não é um pensamento filosófico, ela expressa o que sentimos, o que é humano. Por isso ela me alimenta, porque dá significação e sentido à minha vida. (...) Nós somos finitos, nós passamos; mas a obra de arte não sofre esse desgaste, ela está fora do tempo. Uma emoção muito profunda que você teve, qualquer coisa que te comoveu; comoveu e passou. Mas, quando aquilo é apreendido por uma obra de arte, a obra segura o tempo: “Graças a Deus que agora posso me lembrar”. (...)

Há uma fome em nós que nenhuma conquista material pode saciar; sempre continuamos famintos, famintos de transcendência; de algo que me diga: “Você é mais que seu corpo, mais do que suas necessidades básicas... você é o que está presente no seu desejo, no seu sentimento, na sua alma”. Há pessoas que não dão conta de articular esse desejo e dizem apenas: que bom que tem esse filme, essa música, esse livro. É que, no fundo, esse livro nos dá algo mais que estamos buscando, algo mais que está nos acenando... Acenando, de onde? Não é a religião que inventou; não é a filosofia que inventou; nos acena de dentro de nosso próprio ser: é o desejo profundo; de nossa orfandade original, de ter sentido na vida e de perenidade: não pode acabar. (...) A arte nasce daí e produz a partir daí. (...) Imagine nós sem isso: a pobreza de viver só lutando pela comida, pelo emprego, pela casa; nós somos mais que isso (...) Quando procuramos a arte, sem querer e sem saber, estamos procurando as coisas espirituais, de natureza divina, porque não têm peso, nem tempo, nem medida, mas que, sem isso, estaríamos regredindo à pura barbárie. (...)

Aquele poema maravilhoso de Drummond, “Tarde de Maio”... Só o homem pode se incomodar e se comover com o sol que se esconde no horizonte, numa tarde de maio; com uma árvore florida, com as coisas mais mínimas, mais rasteiras, mais cotidianas e que escondem em si mesmas: a beleza. (...) E é a força da arte que faz com que abramos nossos olhos para a maravilha da Criação, a maravilha da experiência humana que nos aguarda. (...) E por causa dessa qualidade eterna, dessa imponderabilidade, eu vejo que, para a humanização, a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa: ambas experiências são independentes da razão: são experiências; a beleza é uma experiência e não discurso. Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa - que já tinha visto muitas vezes - “Que beleza! Eu nunca tinha enxergado isso desse jeito!” -, aí você pode dar graças: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa: no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido. (...) O verdadeiro poeta está centrado na realidade, a arte não aliena ninguém, ela não tira da realidade; pelo contrário: ela traz para o real. (...)

- Pergunta sobre o tema adeliانو: o cotidiano mais simples

- Essa insistência no cotidiano é porque a gente só tem ele: é muito difícil a pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extra-

ordinário); o cotidiano da rainha da Inglaterra deve ser tão insuportável quanto o de uma lavadeira (...) E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida (...) O nosso heróico, o nosso heroísmo é deste cotidiano... nossa vida é linda: o cotidiano é o grande tesouro, como diz um filósofo: admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se desta água aqui, quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? Mas a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser extraordinário, essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. Eu quero essa vidinha, essa é que é a boa, com toda a chaturinha dela e suas coisas difíceis... O cotidiano tem para mim esse aspecto de tesouro: “Há mulheres que dizem: / Meu marido, se quiser pescar, pesque, / mas que limpe os peixes (...)”.

- Pergunta: Fale um pouco mais sobre a transcendência da arte

- Se a obra é de arte, ela é necessariamente transcendente. Aquele poema do Drummond, que todo mundo sabe, da pedra no meio do caminho, a transcendência está no susto: a pedra. A pedra, a pedra, a pedra... A transcendência é exatamente o sentimento de estranhamento que a coisa concreta te dá: pedra é pedra, e você perde a poesia quando você olha pedra e vê só pedra mesmo. Se a pedra te diz alguma coisa, ela é um veículo para que você transcenda para uma instância maior. Olha que coisa mais corriqueira: “Minha mãe cozinhava exatamente / Arroz , feijão roxinho, molho de batatinhas...” Até aí alguém pode dizer: “E daí? Todo mundo faz isso...” “... / Mas cantava” Aí, acredito, é o salto: arroz , feijão roxinho e molho de batatinhas são mais do que apenas isso quando tem uma mulher cozinhando...

A seguir, algumas considerações da Profa. Chie Hirose sobre o cotidiano na tradição sapiencial do Oriente.

Recebido para publicação em 09-12-10; aceito em 18-12-10